

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de Miranda
(orgs). *A História Contada. Capítulos de História Social da*
***Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.**

Maurício Silva*

Com os avanços ocorridos na historiografia a partir de meados do século, quando então se impõe uma nova perspectiva para os estudos históricos, em que o documento escrito passa a ser substituído por teorias diversas (da probabilidade à relatividade), em que se promove um alargamento das fontes da história e em que se assiste à substituição da noção de história-relato pela de história-problema, começam a surgir estudos mais arejados em todos os âmbitos do conhecimento humanístico - e a literatura, um dos campos de pesquisa mais promissores das Humanidades não poderia ficar de fora.

Assim, os novos procedimentos dentro do trabalho historiográfico deram também seus frutos nos limites da historiografia literária, e o resultado mais recente desse trabalho por ser analisado pela publicação de *A História Contada*, organizada por Sidney Chalhou e Leonardo Miranda, que pretende ser, como o próprio subtítulo já assinala, uma *história social* de nossa literatura.

Trata-se de uma série de ensaios mais ou menos independentes entre si, mas que no fundo guardam um vínculo inegável: a tentativa de historicizar a obra literária, buscando sobretudo a lógica social do texto.

* Universidade de São Paulo

Daí o mérito de muitos de seus ensaios, como aquele com que se abre o volume (“A História do Brasil em *Papéis Avulsos* de Machado de Assis”), em que John Gledson analisa a visão do grande romancista nacional da história do Brasil por meio de seus contos. O autor relembra que em seus dois livros anteriores (*Machado de Assis: Impostura e Realismo* e *Machado de Assis: Ficção e História*), mostrou como na obra de Machado pós-1885 (data de *Casa Velha*), história e ficção caminhavam juntas, mas que, agora, se trata de uma obra anterior, em que as especulações de Machado centram-se na questão da identidade nacional, que são sempre abordadas, aqui, através de uma identidade pessoal. Analisando o conto “O Espelho”, o autor afirma ser o espelho “a imagem perfeita da cultura portuguesa no século XVIII - apodrecida, oca, e puramente ornamental. Era a cultura que os brasileiros herdaram, o mundo em que eles se viam a si próprios”. Já em “Verba Testamentária”, Machado de Assis, segundo o autor, nos dá “uma interpretação satírica da história dos primeiros anos da independência”. Em “A Revolta das Canjicas”, há uma evocação das revoltas da Regência, mostrando, entre outras coisas, que “o modo como o poder é exercido no Brasil tem as suas raízes no período colonial”.

Em “Machado de Assis, Historiador”, Jefferson Cano procura analisar o que Capistrano de Abreu chamou de “intenção latente” de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no sentido de interpretar aspectos históricos no romance em causa. Para o autor, pode-se pensar em *Brás Cubas* não apenas como uma alegoria da história do Brasil, mas como um amplo diálogo com toda a historiografia brasileira da época, encetando uma discussão sobre o caráter que deveria assumir a história nacional. Nesse sentido, o autor aborda a questão da identidade nacional em *Brás Cubas*, sempre relacionando o romance com a historiografia brasileira da época, de que Machado parecia ter grande conhecimento. Para o autor, Machado mostrava sua discordância para com a historiografia positivista, que defendia um hiato entre o fato histórico e a narrativa literária.

Em “A Língua Engenhosa: o Narrador de Machado de Assis, entre a Invenção de Histórias e a Citação da História”, Lúcia Granja começa falando da relação entre Machado de Assis e o jornalismo, desde quando o jovem escritor publicava suas “Aquarelas” e sua “Revista de Teatros” no periódico *O Espelho*; até sua participação mais intensa no *Diário do Rio de Janeiro*, a partir de 1861, dando-nos um amplo quadro dos acontecimentos da Segunda metade do século XIX. A autora analisa parte dessa produção cronística, afirmando que a forma como Machado de Assis selecionava e narra os acontecimentos passados já passava ao leitor um modo particular de interpretar tais fatos. Além disso, ao utilizar o espaço da crônica para tratar de assuntos miúdos do cotidiano carioca, Machado mescla uma série de recursos

narrativos (citação, ficcionalização, paródia, alusão), dando aos seus escritos uma feição especial: “seu posicionamento destaca-se do tom de conversa amena da crônica e se manifesta na tessitura de procedimentos narrativos arditos do texto”. Ademais, a autora defende a idéia de que há uma relação estreita entre o cronista e o historiador, nos seguintes termos: “as estratégias literárias do contador de histórias estão a serviço, muitas vezes, da descoberta das reais opiniões do narrador machadiano sobre os fatos. E essas se disfarçam, na maioria das vezes, nas dobras de seu texto, cuidadosamente construídas como aparentes desvios, e arquitetadas através de uma habilidade narrativa superior”.

Em “Diálogos Políticos em Machado de Assis”, Sidney Chalhoub começa falando que as políticas de dominação vigentes na sociedade brasileira do século XIX eram caracteristicamente paternalistas, como, por exemplo, ocorria com a relação senhor/escravo. Como qualquer outra política de domínio, o paternalismo possuía uma tecnologia própria, com rituais de afirmação, práticas de dissimulação, estratégias de estigmatização etc. Machado de Assis, continua o autor, teria sido mestre na exposição da tecnologia de dominação, constituindo-se num “intérprete incansável do discurso político possível aos dominados”, testemunhando e analisando sistematicamente o “ponto de vista do dominado”.

Em “*Ao Correr da Pena: uma Leitura dos Folhetins de José de Alencar*”, Sílvia Cristina Martins de Souza lembra que, por meio de Francisco Otaviano, Alencar inicia sua carreira de escritor no *Correio Mercantil*, iniciando aí a série *Ao Correr da Pena* (1854), seção que, mais tarde, passaria para o *Diário do Rio de Janeiro*. Nesses folhetins, Alencar começa a desenvolver um estilo que o seguiria ao longo de toda a sua vida de escritor. Em seus folhetins, o grande romancista tinha plena consciência da necessidade de um estilo ágil, informativo, crítico, voltado para o entretenimento, mas ao mesmo tempo formador de opinião. Assim, por meio de seus folhetins, Alencar procurava passar a seus leitores “certas idéias e visões de mundo”. A autora, finalmente, destaca o fato de que, no *Diário do Rio de Janeiro* - onde Alencar ressuscitou a seção em causa, mas sem a mesma empolgação anterior - o romancista iniciou sua série de romances-folhetins, como *Cinco Minutos*, *A Viuvinha* e *O Guarani*.

Em ““Lá vai Verso!”: Luiz Gama e as *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*”, Elciene Azevedo lembra que com a publicação de seu primeiro e único livro publicado em vida (*Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, 1859), Luiz Gama começa a se projetar no cenário política da época, abordando desde questões de ordem política até fatos da vida cotidiana, sempre por meio de uma sátira mordaz. Em muitas de suas poesias, o negro é visto como protagonista de uma cultura valorizada,

revelando uma “inovadora proposta social”: trata-se do reconhecimento da identidade e da alteridade africana. Concluindo: “mesmo sem ter feito da literatura a sua vida, Luiz Gama fez de suas rimas satíricas, bem consumidas por aqueles tempos, um instrumento de denúncia social e de difusão de um projeto político. Propondo a incorporação da África no Brasil, ele estava também defendendo a necessidade de uma incorporação positiva de milhares de negros que compulsoriamente haviam sido privados de todos os seus direitos”.

Em “O Jogo dos Sentidos: Os Literatos e a Popularização do Futebol no Rio de Janeiro”, Leonardo Affonso de Miranda Pereira começa lembrando que os primeiros anos do século XX marcaram no Rio de Janeiro o aparecimento do futebol, bem como o primeiro clube ligado a esse esporte no país (Fluminense, 1902). Em seus primeiros anos, tratava-se de uma prática esportiva restrita, ligada principalmente aos jovens endinheirados, tornando-se logo um esporte popular. Entre os contemporâneos desse fato, destaca-se a figura de Coelho Neto, um entusiasta do futebol, que aliava o esporte bretão à árdua tarefa de regeneração social, de engrandecimento da raça: “refreando as paixões, domando a força, o esporte transformava-se, aos olhos de romancista, em um dos seus mais perfeitos aliados na tarefa de regeneração social. Controlando os impulsos de seus praticantes, o jogo da bola teria o poder de ajudar na criação de uma sociedade no qual os homens, seguindo o modelo dos esportistas, fossem adestrados pelo exercício físico, criando um tempo de paz e de harmonia e abrindo seu peito para os valores nobres defendidos pelo escritor”. Outro autor que via com entusiasmo o futebol era Afrânio Peixoto, que como Coelho Neto via nesse esporte uma escola de disciplina e de controle, afirmando-se como uma autêntica “força transformadora”.

Por outro lado, havia os que combatiam ardentemente o futebol, como Lima Barreto, para quem esse esporte era brutal e sem sentido, fator de dissensão e desunião (ao contrário do que defendiam seus entusiastas, que consideravam o futebol elemento de solidariedade). A mesma opinião era exposta por Carlos Sussekind de Mendonça, em seu livro *O sport está deseducando a mocidade brasileira* (1921), para quem o futebol inibia o intelecto e tornando um mal fator de desenvolvimento dos jovens, além de estimular a violência e a bagunça (novamente, em oposição aos seus defensores, que viam-no como uma prática voltada à civilização dos costumes). Em suma, o futebol era visto por seus opositores como um verdadeiro “fator de degenerescência da cultura nacional”. Essas disputas entre defensores e opositores do futebol poderiam, contudo, ser lidas para além de meras picuinhas literárias, revelando um fator importante na época: “centrada em elementos cotidianos da vida da população da cidade, como o futebol, as reformas urbanas ou o carnaval, a atuação

desses escritores nos deixa vestígios de um momento no qual a literatura entrava em campo para tentar definir, a partir das práticas e tradições valorizadas pelos grupos ilustrados, os destinos da sociedade”.

Em “A Geração Boêmia: Vida Literária em Romances, Memórias e Biografias”, João Paulo Coelho de Souza Rodrigues trata da construção da memória da boêmia da passagem do século pelos livros de memórias e biográficos produzidos nas décadas de 1920 a 1960. Assim, a intenção do trabalho é analisar como se produzem historicamente determinadas interpretações dessa boêmia. Para tanto, o autor analisa alguns livros de memórias e algumas biografias sobre o período.

Esses são apenas alguns dos ensaios que compõem o livro em questão: outros, não menos valiosos, completam o esforço de nos passar uma perspectiva ampla e, como dissemos, inovadora, da historiografia literária brasileira. São eles: “Mello Moraes Filho: Festas, Tradições Populares e Identidade Nacional”, de Martha Abreu. “Da Maloca do Tietê ao Império do Mato Virgem. Mário de Andrade: Roteiros e Descobrimientos”, de Margarida de Souza Neves, em que se estuda os textos de memórias pessoais de Mário de Andrade, bem como aqueles dedicados à construção de uma memória nacional. “Letras Insulares: Literaturas e Formas da História no Modernismo Brasileiro”, de Aldrin Moura de Figueiredo, que trata da tendência atual de se aproximar o texto literário e o texto historiográfico, analisando como os literatos paraenses modernistas se apropriaram dos relatos folclóricos para contar uma história d Amazônia. E “Jorge Amado: Um Escritor de Putas e Vagabundos?”, de Ana Paula Palamartchuk.

Essa pálida idéia de como o livro se constitui, quais os temas abordados e as perspectivas adotadas já nos autoriza a aconselhar sua leitura, prognosticando sua inclusão no rol dos bons livros lançados nesses últimos anos.